



SARAMAGO

AMOR & ENGAJAMENTO

Dossiê temático

Saramago: amor e engajamento

Quem se calar quando eu me calei não poderá morrer, sem dizer tudo

Homenagem a Saramago

Lélia Parreira Duarte*

Resumo

Relembra-se aqui a chegada ao Brasil do **Levantado do chão**, as primeiras análises do romance e a evolução de suas personagens que, inicialmente sem voz, desvalidas e “esquecidas”, tornam-se capazes de um discurso próprio e chegam a líderes de uma revolução transformadora. Focalizam-se também algumas personagens femininas de outros romances do autor, buscando demonstrar o seu especial carinho pelas mulheres fortes de quem ele afirma ter sido criador, mas também criatura. Estuda-se ainda na obra saramaguiana a questão da religião, para concluir ser o autor um estranho comunista que é pessimista e um surpreendente ateu que é religioso: na verdade um grande humanista, sempre preocupado com uma enunciação dialógica problematizadora, capaz de testemunhar o sofrimento e as manobras do poder.

Palavras-chave: Saramago; esquecidos; personagens femininas; ideologia; testemunho.

* Professora aposentada da UFMG e da PUC Minas. Tem grande experiência na área de Letras, com pesquisa sobre os seguintes temas: ironia, humor e morte, nas literaturas portuguesa (vários autores) e brasileira (especialmente Guimarães Rosa), sobre os quais publicou muitos estudos e organizou vários congressos e coletâneas de ensaios. Dirigiu na UFMG o Centro de Estudos Portugueses (CESP) e, na PUC Minas, dirigiu o Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros (CESPUC). Coordenou o grupo de pesquisa “De Orfeu e de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas”, que reunia pesquisadores de 12 universidades, sendo três estrangeiras.

Whoever Stays Silent When I Went Quiet Cannot Afford To Die Before Saying Everything

In Honour To Saramago

Abstract

We are reminded here of the arrival in Brazil of the roman *Levantado do chão*, the first analyses of the novel and the evolutions of its characters who, at first voiceless, underprivileged and forgotten, became capable of uttering their own discourse and came to be the leaders of a transformative revolution. We also focus on some feminine characters from other novels of the same author, trying to show his special tenderness towards the strong women whom he boasts of having been the creator as well as the creature. We also study in Saramago's works the question of religion, coming to the conclusion that he is a weird communist, pessimist at the core as well as a surprising atheist, having a surprising religious vein: in truth a great humanist, always worried about a problematizing dialogical enunciation, able to witness suffering and the maneuvers of power.

Keywords: Saramago; Forgotten; Female characters; Ideology; Testimony.

Poema à boca fechada
Não direi
Que o silêncio me sufoca e me amordaça
Calado estou, calado ficarei
Pois que a língua que falo é de outra raça.
Palavras consumidas se acumulam, se represam.
Cisterna de águas mortas, ácidas mágoas em
limos transformadas,
Vaza de fundo em que há raízes tortas.

Não direi:
Que nem sequer o esforço de as dizer merecem,
Palavras que não digam quanto sei
Neste retiro em que me não conhecem.
Nem só lodos se arrastam, nem só lamas
Nem só animais bóiam, mortos, medos,
Túrgidos frutos em cachos se entrelaçam
No negro poço de onde sobem dedos.
Só direi
Crispadamente recolhido e mudo
Que quem se calar
Quando eu me calei
Não poderá morrer, sem dizer tudo.¹
(SARAMAGO, 1985, p.69)

Saramago publicou **Levantado do chão** – esse romance perfeito para releitura nas comemorações do 25 de abril – em fevereiro de 1980 e, em julho do mesmo ano, o romance já estava em segunda edição. Logo apresentado em congresso no Brasil, despertou grande interesse por seu autor, ainda praticamente desconhecido. “Seria essa mais uma obra neo-realista?”, indagava a assembleia que, curiosa, ouvia falar daquele “dia levantado e principal” do romance, após um percurso de três quartos de século, numa espantosa transformação que incluía mudanças nos dois tipos de personagens.

¹ Poema sugerido por Mía Couto e declamado por Odilon Esteves no Programa Letra em Cena, do Minas Tênis Clube, dedicado a Saramago, sob curadoria de José Eduardo Gonçalves. Disponível em: <<https://youtu.be/dhPhEYFJAsg>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

O primeiro tipo, o dos “esquecidos”,² seria caracterizado pelo desvalimento e silêncio do que o autor chama “vidas desperdiçadas”:³ “pode andar por cá uma vida toda e nunca se achar, se nasceu perdido [...]” (SARAMAGO, 1980, p. 12); de cada vez, foi “comprado e vendido” (SARAMAGO, 1980, p. 13); “Crescei e multiplicai-me, diz o latifúndio [...]” (SARAMAGO, 1980, p. 14). Esse primeiro tipo não tem espaço próprio. É formado pela gente “solta e miúda, que veio com a terra, embora não registada na escritura, almas mortas, ou ainda vivas?” (SARAMAGO, 1980, p. 14). Posteriormente, essa gente é várias vezes equiparada a animais, ou situada até abaixo deles: “E quando Deus quer, é um fora, outro dentro, mal a mulher pariu, logo ocupa. É uma brutidão de gente, ignorantes, piores que animais, que esses têm seu cio e seguem as leis da natureza.” (SARAMAGO, 1980, p. 79).

O segundo tipo de personagem do romance seria o dos donos da terra, cujo comportamento de dominador, miticamente natural, teria sido iniciado *in illo tempore*, transmitido por relações de contiguidade e indicado pela semelhança dos nomes, sempre terminados em “berto”. Quando o nome de um trabalhador aparentemente foge ao esquema (Felisberto Lampas), como se fizesse naturalmente parte dos dominadores – pois, além de Berto, é feliz –, explica o narrador: “tem nome de Felisberto, mas é um acaso [...]” (SARAMAGO, 1980, p. 106).⁴

Também a tautofonia que caracteriza os nomes dos representantes do poder junto aos dominados indica-lhes a situação de repetidores do discurso ideológico: tenente Contente, cabo Tacabo, sargento Armamento, administrador Goncelho, os torturadores Escarro e Escarrilho, o agente Leandro Leandres, sempre armados, como se tivessem saído com armas das barrigas das mães.

Desse grupo faria parte o padre Agamedes, sempre o mesmo em nome⁵ e atitudes; embora varie a sua figura física, o seu discurso mantém-se

2 Em “Ideia da justiça”, Giorgio Agamben fala dos esquecidos, conceito que parece coincidir com o de Saramago, quando fala em vidas desperdiçadas. Cf. Agamben (1999, p. 72-73).

3 “É esse sentido da pessoa comum e corrente, aquela que passa e que ninguém quer saber quem é, que não interessa nada, que aparentemente nunca fez nada que valesse a pena registar, é a isso que eu chamo as vidas desperdiçadas.” (SARAMAGO *apud* REIS, 1998, p. 82).

4 Interessante lembrar que, no discurso proferido por Saramago na UFMG, ao receber o título de Doutor *Honoris Causa* por essa universidade, falou de sua rejeição a serem as suas palavras atribuídas a um suposto “narrador”, como se quisesse confirmar sua exclusiva responsabilidade pelo seu discurso: “A pergunta que me faço é se a atenção obsessiva prestada pelos analistas de texto a tão escorregadias entidades, propiciadora, sem dúvida, de substanciosas e gratificantes especulações teóricas, não estará a contribuir para a redução do autor e do seu pensamento a um papel de perigosa secundaridade na compreensão complexiva da obra [...]” (SARAMAGO, 1999, p. 22).

5 Agamedes significa o que medita superlativamente e, por isso, sabe o que deve fazer e pode, portanto, identificar-se ao poder.

apoiado no divino e caracteriza-se pelo poder encantatório, de incontestável fidelidade ao latifúndio, cuja maldição seria capaz de obrigar o destinatário a manter-se submisso para aceitar condições sub-humanas de vida.

Levantam-se as vozes: o início do questionamento

Acompanhando o tempo do romance, observa-se a transformação ocorrida naqueles que bem poderiam ilustrar os “esquecidos”: o grupo começa com Domingos Mau-Tempo, em seu sofrimento. Como os domingos, esse Mau-Tempo é submissamente dedicado ao Senhor; determinado, porém, pelo destino negativo indicado em seu nome, acaba por suicidar-se. E assim Saramago inicia a saga dos Mau-Tempo e a vida daqueles “esquecidos”: a mulher, inconsciente de seu papel social e incapaz de ter uma palavra sua, passa da alienação à loucura.

A primeira rebelião contra esse “esquecimento” acontece, no romance, quando vozes de crianças começam a questionar o discurso ideológico: o primeiro filho de Domingos e Sara, embora tivesse o sobrenome Mau-Tempo, ainda em vida do pai discordava de sua submissão e dizia: “Minha mãe, o pai parece que está excomungado [...]” (SARAMAGO, 1980, p. 43). Também no comício de Évora, ouve-se a voz de uma criança, a qual pergunta onde poderia ser satisfeita uma necessidade física, questão que lembra o conto infantil sobre a roupa nova do rei e é tida como falta de respeito e ignorada. Esse processo de aquisição da consciência crítica acontece, inicialmente, com o aprendizado da leitura: João e Gracinda Mau-Tempo, filho e neta de Domingos e Sara da Conceição, aprendem a ler. João frequenta precariamente a escola e Gracinda é alfabetizada pelo noivo, Manuel Espada.

As transformações revelam-se também no relacionamento sexual: no início havia um impulso individualista e unilateral – “marialvista” – revelação de simples necessidade biológica e certamente do desejo de dominação do homem e da submissão da mulher: e o romance lembra o acontecido com a donzela violentada nos fetos, em razão do “atiçado do sangue”, quando fora buscar água à fonte, quase quinhentos anos antes (SARAMAGO, 1980, p. 24).

Nas três gerações da família Mau-Tempo, a relação sexual passa a ser, paulatinamente, resposta a uma necessidade bilateral, ainda apenas biológica em Domingos e Sara, já mais consciente em João e Faustina, e de escolha, amadurecimento, preocupação com o diálogo e com o crescimento do outro em Manuel Espada e Gracinda. Será talvez oportuno observar que, na festa do casamento dos dois últimos, houve quem ousasse afrontar a prepotência do padre. Nessa festa, os trabalhadores já sabiam falar e ouvir e isso se reflete no surgimento de personagens contadores de histórias.

Escrita e poder

Especialmente importante, em **Levantado do chão**, seria o relacionamento entre escrita e poder, nesse texto em que História e ficção se misturam, num embate entre criação e verdade dos fatos, configurando-se como a literatura de testemunho de que fala Márcio Seligmann-Silva.⁶Esse testemunho, além de misturar realidade e ficção, desvela o horror de injustiças que desrespeitam e humilham seres humanos mesquinamente impedidos de assumir a sua humanidade.

No início do romance, fala-se na escritura do latifúndio, e parece poder relacionar-se essa posse da escrita com a detenção do poder: quem produz os signos detém o poder, pois quem controla a letra controla a comunidade. Justamente por isso a maior repressão ocorre no texto quando os trabalhadores/dominados começam a ler e escrever. É que eles começam a contestar, a partir de uma nova escrita, um código de valores elaborados no seu tempo de “esquecidos”. Isso faz lembrar um estudo de Vera Lopes: “História do cerco de Lisboa: uma leitura anárquica da História”; a professora lembra a ironia de Saramago, em sua “clara proposta de questionamento da existência privilegiada da Verdade no discurso histórico oficial [...]” (LOPES, 1999, p. 62).

Essa aquisição de uma consciência crítica é bem nítida em João Mau-Tempo. Ele ouve os sermões do padre Agamedes, lê os papéis proibidos e faz o seu juízo de homem simples: “se dos papéis acredita alguma coisa, das palavras do padre não acredita em nenhuma [...]” (SARAMAGO, 1980, p.

⁶ Márcio Seligmann-Silva, um estudioso da questão do testemunho, assim o define: “[...] minha proposta é entender o testemunho na sua complexidade enquanto um misto entre a visão, a oralidade narrativa e a capacidade de julgar.” (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 145).

121). Ele não se julga, entretanto, dono da verdade, mas é capaz de dialogar e, especialmente, sabe aprender com os mais novos. Ao contrário do pai, ele sabe ouvir e defender o filho Antônio. E especialmente notável é o fato de Gracinda, a filha de João Mau-Tempo, convencer Manuel Espada, seu marido, de que ela também deve ir à manifestação dos trabalhadores, apesar da discordância inicial: “responderam pela boca dele sabe-se lá quantas vozes de manuéis, isto não é coisa para mulheres [...]” (SARAMAGO, 1980, p. 310).

Reconhecendo que, como “esquecidos”, seriam sempre – exclusivamente e na melhor das hipóteses – força de trabalho, de produção e de enriquecimento dos felizes Bertos da história, os trabalhadores optam pela luta coletiva que tentará fazer com que eles tenham um discurso próprio, em vez de repetirem individualmente discursos alheios. Sua vitória se preconiza quando uma voz não identificada mostra ter aprendido a atualizar o discurso alheio, ao modificar um ditado da sabedoria popular: “quem rouba por precisão tem cem anos de perdão [...]” (SARAMAGO, 1980, p. 334).⁷

Nesse sentido, parece possível dizer-se ainda que o próprio texto do romance dialoga, ao estabelecer a intertextualidade e a estrutura em abismo, especialmente com a diferenciação de pontos de vista relativos aos textos referidos. E Saramago diz ter-se provavelmente encontrado no *Levantado do chão*:⁸

[...] o *Levantado do chão* era uma questão de outro tipo que eu tinha que resolver e que tinha a ver com a minha própria vida, com o lugar onde nasci: eu não nasci no Alentejo, mas, *mutatis mutandis*, a história é a mesma. Assim como se eu tivesse que agarrar naquela gente que foram os meus avós, os meus pais e os meus tios, essa gente toda, analfabetos e ignorantes, e tivesse que escrever um livro. (REIS, 1998, p. 45).

Tudo isso explicaria, afinal, tanto a estrutura do romance, quanto o tipo de personagem, sua evolução, sua perspectiva ideológica e sua valorização das mulheres. E revelaria o seu caráter de “testemunha”, porque,

⁷ Lembre-se que antes da conscientização havia a pura repetição de ditados, como quando são todos levados a Évora para o comício: “A voz do povo é a voz de Deus”; veja-se a repetição de um discurso sancionado pelo senso comum que precisa, entretanto, historicizar-se.

⁸ “Eu acho que me encontrei num certo momento da vida e provavelmente encontrei-me no *Levantado do chão* [...]” (REIS, 1998, p. 42.)

se sua base é o tempo de observação do autor junto aos “esquecidos”, na sua criação misturam-se a “verdade dos fatos” e as suas estratégias de convencimento.

A valorização da mulher

A capacidade de uma mulher convencer o seu homem, em **Levantado do chão**, indica ter ela conquistado direito a um espaço junto a ele, sendo esse espaço representado também no que lhe é reservado na narrativa. Anteriormente, dizia o narrador: “De mulheres nem vale a pena falar, tão constante é o seu fado de parideira e animais de carga [...]” (SARAMAGO, 1980, p. 125). Ainda mais esquecida e mais desvalorizada que o homem, a mulher teria mais dificuldade em adquirir discurso próprio. Isso se representa, especialmente, no **Levantado do chão**, por meio da surdez física de Faustina, a segunda mulher da família Mau-Tempo; também metaforicamente surda, Faustina só consegue ouvir que o marido não se distraiu, quando foi ao comício.

No final do romance, entretanto, depois de se integrarem ao novo tempo, as mulheres tomam parte nas decisões: “No segundo falar juntaram-se mais quatro vozes, duas de homem, [...] e duas de mulher, Emília Profeta e Maria Adelaide Espada [...]” (SARAMAGO, 1980, p. 363), sendo esta última a bisneta de Domingos Mau-Tempo. Sua diferenciação do bisavô indica que o processo histórico realmente se realizou. Embora tenha os olhos azuis do avô João Mau-Tempo, os quais poderiam ser vistos como um mau presságio, pois são como os olhos daquele que, há quinhentos anos, forçou a donzela na fonte, Maria Adelaide Espada, já ao nascer, tem voz e aos sete anos entende a vida (SARAMAGO, 1980, p. 337). Ela se une a Emília Profeta e aos outros para a criação coletiva de um novo mundo, onde a realidade pudesse ser contada de outra maneira.

Será interessante observar como àquelas mulheres frágeis e analfabetas de **Levantado do chão** que, literalmente, ergueram-se e afirmaram-se – tornando-se líderes de uma revolução transformadora –, seguiram-se tantas outras, na obra de Saramago, fortes na sua fragilidade e exemplares na sua atuação. Se as mulheres desse romance caracterizam-se

sobretudo pela descoberta da própria força e pela capacidade de orientar a família e todo o seu povo, em outras obras de Saramago, pode-se observar o olhar amoroso e cheio de fidelidade e reconhecimento do autor às suas personagens femininas: lembro Blimunda, por exemplo, capaz de recolher vontades que realizam feitos incríveis, como o de fazer voar a passarola do Padre Bartolomeu. É também dona de seu corpo, como diz Teresa Cristina Cerdeira: “No **Memorial do Convento**, Blimunda é a dona de um corpo oferecido sem limites ao erotismo compartilhado e assumido [...] num tempo de rígidas sanções que negavam à mulher o desejo e o gozo [...]” (CERDEIRA, 2000, p. 218).

Também Lídia, de **O ano da morte de Ricardo Reis**, é personagem exemplar da fortaleza atribuída às mulheres por Saramago: simples criada, mulher submissa retirada das **Odes** de Fernando Pessoa/Ricardo Reis, o qual lhe atribui o papel de expectadora passiva: “Vem sentar-te commigo, Lydia, à beira do rio./Socegradamente fitemos o seu curso e aprendamos / Que a vida passa [...] / Quer gosemos, quer não gosemos, passamos como o rio. (PESSOA, 1994, p. 98). Diferentemente, a Lídia de Saramago não é passiva ou submissa: ao contrário, revela a sua coragem ao assumir-se grávida e sozinha e, influenciada pelo irmão, consegue até entender e discutir as manobras do discurso ideológico.

Mulheres fortes serão também, certamente, Joana Carda e Maria Guavaira, de **A jangada de pedra**; Maria Sara e Ouroana, da **História do cerco de Lisboa**; Maria de Magdala, de **O evangelho segundo Jesus Cristo**, e, especialmente, a mulher do médico, do **Ensaio sobre a cegueira**, a qual Teresa Cerdeira vê no quadro de Delacroix “A liberdade guiando o povo”: “[...] rota, erguendo a comida que conseguira encontrar para salvar uma célula ao menos de uma comunidade falida, ela é a paródia dolorosa da heroína de Delacroix, deslocada para um fim de milênio desesperançado. (CERDEIRA, 2000, p. 222). A lembrar ainda Maria mãe de Jesus, que cumpre com a mulher do médico a missão de educar, orientar e guiar os fracos, humilhados e ofendidos, na busca de recuperar ou adquirir uma digna humanidade.

São todas essas mulheres extraordinárias, fortes e capazes de orientar homens e lutar pelo respeito e por um lugar ao sol, sempre tratadas com enorme ternura e carinho por seu autor. E certamente corresponsáveis por vários dos prêmios recebidos por ele, como o Nobel, em 1998, o prêmio

Camões (Portugal/Brasil), em 1995, e mais 25 outros prêmios, sendo 12 portugueses e 13 de países estrangeiros (Itália: 7, Espanha: 6 e 1 do Reino Unido). E ainda títulos como o de Doutor *Honoris Causa*, concedido, entre outros, pela UFMG, em 1999.

Toda essa fortaleza feminina acaba por chamar atenção, e houve mesmo quem perguntasse ao autor se não seriam essas personagens muito idealizadas, sempre tão capazes e tão fortes. Com um sorriso, teria ele respondido: “Mas isto é apenas uma fase [...]”. Essa fase, entretanto, se perpetuou durante sua vida de escritor consciente de um papel que Mia Couto chamou, numa entrevista, de um estranho comunista / pessimista e de um surpreendente ateu, que é religioso (COUTO, 2022),⁹ a que, certamente, poder-se-ia acrescentar: um idealista educador.¹⁰

Interessante notar as declarações de Saramago sobre suas personagens em várias oportunidades e, especialmente, no volume **A estátua e a pedra**, posteriormente renomeado **Da Estátua à Pedra e Discursos de Estocolmo**. Diz o autor, por exemplo: “Sinto que as mulheres são, em regra, melhores do que os homens [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 279); na **História do Cerco de Lisboa**, “a força está nas mulheres... Claramente nas mulheres [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 279); “[...] as personagens fortes dos meus romances são as personagens femininas [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 280); Blimunda “surgiu-me com uma força que, a partir de certa altura, me limitei a... acompanhar [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 281); “[...] é a própria história que me leva, sem me ter preocupado antes com isso, a que haja sempre em todos os meus romances uma mulher forte [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 283).

Consciente de que a sua obra se abre aos leitores de agora e também aos do futuro, “O escritor explica-se”: faz uma autoanálise, analisa suas personagens femininas e lembra ter sido criado por mulheres extraordinárias, as quais lhe ensinaram profundidade e humanismo.

Foi esse assunto das personagens femininas discutido com o autor numa entrevista, tendo ele dito que as de **Levantado do chão** seriam plausíveis, pois ele as conhecera quando esteve durante dois meses entre os trabalhadores do Alentejo. Já Blimunda não seria plausível, pois estaria “noutra esfera, embora muito ligada ao concreto das ações, das vivências,

⁹ Mia Couto em entrevista sobre José Saramago (LETRA, 2021).

¹⁰ Saramago (1999) assumiu plenamente esse papel na cerimônia de recebimento do título de Doutor *Honoris Causa* na UFMG, quando discutiu a questão autor/narrador.

dos sentimentos e dos atos [...]”. Também não seriam plausíveis as mulheres de **Jangada de pedra**, nem a Lídia de **O ano da morte de Ricardo Reis**, uma personagem que se faz no ato do discurso (DUARTE; MALARD; MIRANDA, 1988, p. 96-97).

Hoje compreende-se: a “fase” a que se referia Saramago não se restringia ao seu tempo de produção; realisticamente, sabia ele que essa luta seria muito longa, maior que o seu próprio tempo de vida; a força transformadora de suas personagens não seria capaz de vencer totalmente o “esquecimento”, para criar uma justiça que desse reais condições de vida a todos os que vivem esperando poder levantar-se do “chão”. Pois, embora marxista convicto, reconhecia ele os limites da reflexão ideológica nos seus livros, apesar de sua “clara proposta de questionamento da existência privilegiada da Verdade no discurso histórico oficial.” (LOPES, 1999, p.62).

Ainda sobre as mulheres de sua obra, Saramago declarou não ser ele apenas “criador dessas personagens, mas, ao mesmo tempo, criatura delas”; “essas dezenas de personagens de romance e de teatro [...], esses homens e essas mulheres feitos de papel e tinta [...]”, os quais foram seus “mestres de vida”. Pois ele não teria, “a bem dizer, mais voz que a voz que eles tiveram”, pois o conduziram, mais do que ele os guiou (SARAMAGO, 2018, p. 21).

Muitos estudiosos debruçaram-se sobre as personagens de Saramago: Aguilera, por exemplo, diz que essa obra é sustentada também por excepcionais figuras femininas, “verdadeiramente fortes, verdadeiramente sólidas [...]fulgurantes encarnações do melhor da condição humana[...]” (AGUILERA, 2010, p. 277). E acrescenta posteriormente o crítico: “Saramago deposita a sua confiança numa mulher que assume a sua consciência específica, diferenciada dos padrões masculinos, que defende a sua exclusiva razão de ser[...]” (AGUILERA, 2021, p.281).

Também em dicionários estudam-se essas personagens, como em **Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago** (NETO, 2012), em que Pedro Fernandes Neto analisa como a estética e a lógica do retrato se cruzam com as questões do feminino, da identidade e da representação discursiva na obra do autor. E ainda o **Diccionario de personajes saramaguianos** (KOLLEFF, 2008), dirigido por Miguel Koleff, o **Dicionário de personagens da obra de José Saramago**, de Salma Ferraz (2012) e o **Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa** (REIS, 2016). Neste, estudam-se várias personagens de

Saramago, sem restrição ao seu contexto literário de origem, o que possibilita a extensão da observação a outras práticas midiáticas: cinema, televisão, rádio e banda desenhada, sublinhando desse modo a atualidade de figuras que, mesmo criadas no passado, continuam a dialogar com o nosso tempo e com o nosso quotidiano.

A religiosidade

Uma última questão seria talvez relevante focalizar nesta homenagem a Saramago: trata-se da “religiosidade de um Saramago ateu”, sobre a qual disse o autor em uma já mencionada entrevista: “há uma temática muito recorrente nos meus livros, que é a religião. O cristianismo, mais concretamente, o catolicismo. Apesar de eu ser ateu, há o **São Francisco de Assise** o **Memorial do convento**. Eu às vezes respondo, não, eu sou ateu mas não sou cego.” (SARAMAGO, 1988 apud DUARTE, MALARD, MIRANDA p. 100). Em outro momento, ele lembra que, em **Levantado do chão**, após o nascimento de Maria Adelaide, é ela “visitada pelos três Reis Magos e isso é, por assim dizer, uma recuperação do nascimento de Jesus, que a essa altura ainda não era o Cristo...” (SARAMAGO, 1988, p. 100). E explica: “Falo da disponibilidade para receber essas associações de ideias, que estão contidas no simples fato de descrever o nascimento de uma criança, pois o escritor vive num meio mental e moral em que tudo tem a ver com a religião.” (SARAMAGO, 1988, p. 100 apud DUARTE, MALARD, MIRANDA).

O assunto foi tratado pelo Pe. Geraldo Magela Teixeira, à época Reitor da Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte, por ocasião das comemorações do prêmio Nobel, na PUC Minas, onde se publicou o **Caderno CESPUC de Pesquisa** n. 4, dedicado a “José Saramago: um Nobel para as literaturas de língua portuguesa” (TEIXEIRA, 1999, p. 7-11). Em seu texto “Saramago, um cristão inconfesso”, Pe. Magela afirma que as “pegadas de fé” encontradas na obra do nosso Nobel não serão passos “de uma militância, inadmissível em Saramago, pois seus passos, em toda sua obra, são, intencionalmente, na contramão da fé.” (TEIXEIRA, 1999, p. 8). E mostra diferenças entre a obra saramaguiana e a de autores como Norberto

Bobbio e Morris West, lembrando uma afirmação do autor de **O evangelho segundo Jesus Cristo**: “Para mim, ateu, como para um crente, a questão da relação do homem com Deus é importante. É esta relação básica, essencial, radical, que eu ponho em causa neste livro.” (TEIXEIRA, 1999, p. 9).

Em seguida, Pe. Magela mostra, em alguns trechos desse romance – especificamente relativos à concepção de Maria, ao sonho de José e à morte de Jesus –, que,

[...] mesmo se José Saramago, em momento algum de sua obra, deixasse dúvida sobre sua confissão explícita de ateísmo, a humanidade do seu trabalho, a luta de sua vida pela justiça e pela solidariedade humana, sua indignação com a atual arrumação do mundo seria uma prova de seu profundo espírito cristão. São Paulo, na Carta aos Romanos, afirma que “diante de Deus, passará por justo não quem sabe, mas quem pratica a lei”. (TEIXEIRA, 1999, p. 10-11).

Talvez se pudesse relacionar essa questão à valorização e à defesa dos “esquecidos” tratada neste texto, bem como ao que diz Mía Couto, que vê em Saramago um estranho comunista/pessimista e um surpreendente ateu/religioso,¹¹ a que certamente se poderia acrescentar um idealista educador.¹² Para concluir: Saramago terá sido na verdade um grande humanista, sempre preocupado com os humilhados e desprezados por um poder injusto – político ou religioso.

Isso me leva de volta ao poema que abriu esta celebração dos 100 anos de Saramago, com a sua terrível ameaça: “Quem se calar [...] Não poderá morrer, sem dizer tudo [...]”. Creio que isso explicaria o trabalho fecundo do nosso laureado escritor, em cujo universo ficcional convivem personagens de natureza, configuração e condição muito diversas, várias oriundas da História, outras de origem mítico-bíblica, ou ainda figuras alegóricas ou mesmo animais. Um denominador comum, entretanto, as uniria: o olhar atento de um escritor que denunciava o mal, porque sonhava com um mundo mais humano, com melhores condições de vida para todos. Esse escritor, embora sempre assertivo e ciente das intenções e dos caminhos de suas personagens, teve também a humildade de dizer: “De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz.” (SARAMAGO, 2013,

¹¹Letra (2021).

¹² Papel que ele assumiu plenamente na cerimônia de recebimento do título de Doutor *Honoris Causa* na UFMG, quando discutiu a questão autor/narrador(1999).

p.71). Seria talvez como se dissesse que, imbuído embora de suas verdades, o autor tem as suas certezas abaladas pelo discurso e pelas atitudes de suas personagens, as quais ele anteriormente pensava dominar.

Isso poderia provavelmente ligar-se um depoimento de Mia Couto: respondendo sobre o que teria aprendido com José Saramago, afirmou ter sido “a usar melhor o discurso direto e o indireto[...]” (COUTO, 2022). Essa seria uma enunciação dissimulada, pois o leitor muitas vezes não sabe quem está a falar. Saramago teria dito: “A língua que falo é de outra raça, como se tivesse a percepção de que a língua que podia servir a um escritor tinha que ser de outra dimensão, porque a que lhe deram como língua materna não lhe bastava”.¹³ A isso talvez pudesse acrescentar-se: esse seria um artifício irônico de sabedoria enunciativa do nosso homenageado, que, estabelecendo com essa problematização uma estrutura dialógica em seus textos, tentaria manter o seu leitor atento, não só à história lida, mas também aos artifícios de convencimento da linguagem e da ideologia.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da justiça*. In: AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da prosa*. Tradução, prefácio e notas de Joao Barrento. Lisboa: Cotovia, 1999. p. 72-73.

AGUILERA, Fernando Gómez. *José Saramago nas suas palavras*. trad. dos textos em espanhol, inglês, francês, e italiano de Cristina Rodrigues, Artur Guerra. - Alfragide : Caminho, imp. 2010.

AGUILERA, Fernando Gómez. *José Saramago nas suas palavras*. Porto: Porto Editora, 2021.

CERDEIRA, Teresa Cristina et al. (org.). *José Saramago e a poética da narrativa: uma ordem por decifrar*. In: *E agora, José(s)? José Saramago e José Cardoso Pires 20 anos depois*. Belo Horizonte: Moinhos, 2019.

¹³ Entrevista de Mia Couto a José Eduardo Gonçalves, sobre Saramago, YOUTUBE.COM.MINASTCoficial.Letra em Cena/ComolerSaramago.Com Mia Couto. Acesso em 12.04.2022.

CERDEIRA, Teresa Cristina. José Saramago: o romance contra a ideologia. In: CERDEIRA, Teresa Cristina. Formas de ler. Belo Horizonte: Moinhos, 2020. p. 101-114.

DUARTE, Lélia Parreira, MALARD, Letícia, MIRANDA, Wander. José Saramago, tecedor da História. Boletim do Centro de Estudos Portugueses. FALE/UFMG, p. 90-100, jul. 86/dez. 88.

FERRAZ, Salma. Dicionário de personagens da obra de José Saramago. Blumenau: Editora de FURB, 2012.

KOLLEFF, Miguel (org.). Dicionario de personajes saramaguianos. Buenos Aires: Fundación Santillana, 2008.

LETRA em Cena, como ler... José Saramago. Belo Horizonte: Minas Tênis Clube. 09 mar. 2021. 1 vídeo (1h02min.). Publicado por Minas Tênis Clube. Disponível em: <https://youtu.be/dhPhEYFJAsg>. Acesso em: 28 jul. 2022.

Lopes, V. (2017). HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA: UMA LEITURA ANÁRQUICA DA HISTÓRIA. Cadernos CESPUC De Pesquisa Série Ensaio, 1(4), 61-70.

NETO, Pedro Fernandes. Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago. Curitiba: Appris, 2012.

PESSOA, Fernando. Poemas de Ricardo Reis. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994. p. 98.

REIS, Carlos. José Saramago e a poética da narrativa: uma ordem por decifrar. In: CERDEIRA, Teresa Cristina et al. (org.). E agora, José(s)? José Saramago e José Cardoso Pires 20 anos depois. Belo Horizonte: Moinhos, 2019

REIS, Carlos. Diálogos com José Saramago. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

REIS, Carlos (org.) Dicionário de personagens da ficção portuguesa. Coimbra: CLP/FCT, 2016. Disponível em: <http://dp.uc.pt/>. Acesso 20-04-22

SARAMAGO, José. *A Estátua e a Pedra*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.

SARAMAGO, José. *Discurso*. José Saramago: Doutor Honoris Causa da UFMG. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Letras, 1999. p. 19-26.

SARAMAGO, José. *Discursos de Estocolmo*. De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz. Lisboa: Fundação José Saramago, 2018.

SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1980.

SARAMAGO, José. *Poemas possíveis*. 3. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1981. Disponível em: <https://youtu.be/dhPhEYFJAsg>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SARAMAGO, José. *Poemas possíveis*. 3. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1985.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Repensando o campo literário a partir do testemunho: um percurso de Êsquilo a Lobo Antunes*. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.). *A escrita da finitude: de Orfeu e de Perséfone*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009. p. 131-171.

SILVA, Vera Lopes da. *História do cerco de Lisboa: um cerco de discursos*. 1993. Dissertação (Mestrado em Literaturas Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

TEIXEIRA, Pe. Geraldo Magela. *Saramago, um cristão inconfesso*. Cadernos CESPUC de Pesquisa, Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, n. 4, p. 7-11, jan. 1999.